

A RETOMADA DO TRABALHO DE BASE*

Ranulfo Peloso da Silva
CEPIS, SP

1. INTRODUÇÃO

“Achavam-se agrupados e presos à terra, por uma raiz comum, como uma moita de bambu. E como esse vegetal, inclinavam-se e dobravam-se. Mas, sobreviviam às maiores tempestades”.

(Morris West, O embaixador, 1985)

A grande marca da organização popular é sua presença e enraizamento na vida da população, animando pessoas e grupos a se organizarem para buscar solução de seus problemas.

O antigo e permanente interesse dos trabalhadores de **repartir o pão e o poder**, mesmo que não seja totalmente consciente, é **derrubar a velha pirâmide** e construir uma sociedade sem dominação.

A organização popular nasce para romper com a prática dos dominadores que, pelo autoritarismo ou pela troca de favores, se mantêm no poder. Ela se organiza desde a base, para estar presente, todos os dias, lá onde acontece a luta pela vida.

Apostar no trabalho de base é investir numa tarefa que exige vontade política, dedicação, tempo, pessoas e recursos. Porque não é só a elite que gosta de mandar; é também o povo que aprendeu a ficar calado e a obedecer ao chefe de plantão. Só uma convicção profunda pode se dispor a vencer a *cultura autoritária* e o *personalismo* e contribuir para que o povo se torne **protagonista** e tome a direção da barca.

2. UM POUCO DE HISTÓRIA

“Cada um de nós constrói a própria história e cada ser em si carrega o dom de ser capaz e ser feliz.”

Almir Sater e Renato Teixeira

O Brasil nasceu como **colônia** dos países ricos. Reis e rainhas se tornaram donos das terras, das riquezas e até da vida das pessoas. Quem resistiu foi perseguido e, muitas vezes, destruído. Essa dominação gerou a cultura autoritária, a **mentalidade de escravo**, onde as pessoas se tornam passivas, sempre **esperando ordens, de cima e de fora**.

A ditadura de Vargas, de 1933 a 1945, para não mudar a cultura autoritária, inventou o **populismo**. O povo foi ensinado a “puxar o saco” e a “mendigar favores” de chefes, em todos

os lugares, em vez de lutar por direitos. Aprendeu a ser cliente, encostar-se “numa árvore que lhe dê sombra” ao invés de se organizar e de “andar com os próprios pés”.

Nos anos 60, mais gente descobriu que podia ser dono do seu nariz e participar do poder. As pessoas não aceitaram ser coisas, nem serem usadas como **massa de manobra**. Quiseram *Ter voz ativa e no seu destino mandar*. Aí, veio a ditadura militar de 64, prendendo, torturando e matando.

Mas, o sonho de ser livre e feliz coletivamente, tentado diversas vezes pelos índios, negros, camponeses e operários, **continuou nos bastidores**. Durante muitos anos, num paciente trabalho de base, a luta se multiplicou e criou raízes em muitos espaços. No final dos anos 70, o fogo que queimava por baixo, explodiu em movimentos nos quatro cantos do país.

Nesses anos, muita gente, no campo e na cidade, foi atingida pelo trabalho dedicado e anônimo de milhares de militantes. Esse esforço teceu uma imensa **rede de resistência e de esperança**, contra a dominação e pelo direito de ter vez e voz, contribuindo para o fim da ditadura militar.

Nos anos 80, o campo popular buscou reconstruir suas ferramentas de luta – sindicatos, partidos, associações – e até inventou novas formas de juntar e de canalizar a indignação e anseios dos trabalhadores – movimentos, fóruns, entidades. Esse processo organizativo conseguiu recuperar e conquistar muitos direitos para os trabalhadores. No campo eleitoral, as forças populares disputaram espaços no legislativo, na administração pública e, quase elegeu seu candidato à presidência do Brasil [1989].

Os anos 90 trouxeram grandes mudanças na economia, na política e na disputa das idéias, em todo o mundo. **A queda do muro de Berlim** representou a nova ofensiva do capitalismo, revelando muitas fragilidades na prática dos socialistas. O ideal da competição individual, a qualquer preço, desafiou o projeto e as iniciativas da solidariedade. Para o campo popular foi um tempo de derrotas, de sofrimento e de baixas: teve militante que desanimou, que passou para o outro lado, que perdeu a credibilidade ou que ficou sem saber o que fazer.

Para os socialistas essa crise serviu como **tempo de avaliação**. Sempre fiéis aos ideais da libertação, eles perceberam a necessidade de reexaminar a realidade e de repensar seus métodos e formas de luta.

A virada de milênio se apresenta como uma oportunidade para a construção do projeto alternativo e popular. Prometendo levar o Brasil ao primeiro mundo, a elite entregou o país à ganância internacional do capital e à falência. O Estado abandonou sua função social – educação, saúde, segurança – para servir aos interesses das grandes empresas. O resultado foi a maior concentração das riquezas, desemprego em massa, violência e miséria da população.

Por isso, os militantes retomam, com redobrado vigor, a convicção de que a solução para a nação, não pode ser o conserto do sistema capitalista, mas a construção do projeto

alternativo e popular. Para o avanço desse processo de organização popular, é urgente a **retomada do trabalho de base.**

3. RETOMAR O TRABALHO DE BASE

*“Gente não é boi de carro, pro carro de boi puxar,
gente tem mente que gira, mente que pode girar.
Gira a mente do carreiro e a canga pode quebrar.”*
(Lavrador de Goiás)

Retomar o trabalho de base não é a repetição saudosa de práticas e atividades feitas no passado. Nem é o *basismo* que trata o povo como *menor e incompetente*, e faz o elogio de suas ações espontâneas e sem planejamento. *Basismo* é uma forma disfarçada de *autoritarismo* para manter a base dependente.

Retomar o trabalho de base é resgatar uma estratégia. É um caminho de luta e de organização que **envolve os próprios interessados** no conhecimento e solução dos desafios individuais e coletivos.

Retomar o trabalho de base é reafirmar três objetivos:

1º) **Participação massiva dos trabalhadores:** as elites não têm medo de lideranças que se destacam. Para elas é fácil isolar, destruir, “comprar” algumas cabeças que sobressaem. **Multiplicar militantes e ações** é que mete medo em todos aqueles que se acostumaram a dominar outras pessoas. Por isso, a prática de multiplicar novos combatentes, deve invadir todos os espaços da vida – trabalho, política, cultura, religião, lazer – e se tornar uma **rede de animação, de resistência e de vitórias.**

2º) **Democratização do poder:** participar do poder é ser capaz de fazer propostas, tomar decisões e repartir responsabilidades para concretizar o sonho dos trabalhadores. O trabalho de base, enquanto experiência de **uma nova convivência** entre pessoas, pode ser uma grande escola de participação política. O ato de falar e de ouvir, de propor e de negociar, de ganhar e de perder, de disputar e de decidir, de com-mandar e de obedecer, de responsabilizar-se e de cobrar – tudo isso estimula a ambição de ser gente e de ter o poder coletivamente. Deve ser a escola, onde se aprende a colocar o poder a serviço da maioria, visando as transformações que o país precisa.

3º) **Construção socialista:** a finalidade da luta é realizar o sonho do mundo novo, livre de todas as formas de opressão e com a possibilidade real de satisfazer os anseios materiais e espirituais das pessoas. Isto será possível quando a produção, a distribuição e o consumo

forem feitos de forma solidária. Este projeto implica, desde agora, em uma nova relação entre os humanos e com a natureza, sem dominação, sem preconceitos e sem destruição.

4. O QUE É TRABALHO DE BASE

“Fé na vida, fé na gente, fé no que virá. Nós podemos tudo, nós podemos mais. Vamos lá fazer o que será”.
(Gonzaguinha)

Trabalho de base não é receita ou mágica. É um jeito de fazer política onde o militante coloca sua alma. É uma **paixão** carregada de **indignação** contra qualquer injustiça, e cheia de **ternura** por todos que se dispõe a construir um mundo **sem a marca da dominação**. Essa convicção nasce do **coração e da razão**, torna-se **força contagiante**, capaz de vencer a fúria e a sedução da opressão e de comprometer-se com a transformação das pessoas e da sociedade.

Essa **prática multiplicadora** pode ser realizada nas favelas, nas ocupações de terra, nas fábricas, nas igrejas, nas instituições do Estado e nos espaços internacionais. Ela se **sustenta** quando mantém os pés no chão e a cabeça nos sonhos. Consegue vitórias quando articula as lutas econômicas com as diferentes lutas políticas e sociais. E perdura, em qualquer conjuntura, quando combina ações de rebeldia com as disputas na legalidade.

4.1. A finalidade do trabalho de base é:

- a) **Anunciar sempre** que o ideal da humanidade é a prosperidade e a convivência solidária. E **combater** a ganância, a competição, a dominação. Quanto maior a opressão e a crise, maior a razão para **propagar o sonho da sociedade sem classes**.
- b) **Despertar a dignidade** das pessoas e a **confiança** nos seus valores e no seu potencial. A pessoa se torna feliz e *perigosa* (para as elites), quando começa a **andar com os próprios pés**. Em geral, quem está no poder, prefere gente obediente e conformada, porque é fácil manipular uma população domesticada e dependente.
- c) **Canalizar a rebeldia popular** na luta contra a injustiça e na construção de uma sociedade de *homens e mulheres novos*, onde a produção, distribuição e consumo, sejam orientados pela lógica da solidariedade.
- d) **Transformar a realidade** e conseguir vitórias em todos os campos e em todas as dimensões, que satisfaçam os justos anseios da população.

4.2. A força do trabalho de base está:

- a) **Na sua sustentação de base:** o trabalho de base tem que ter raízes plantadas na **alma da população** que é a base da sociedade. Por causa desse alicerce, ele sempre renasce e se reproduz. Não é um movimento *para* os trabalhadores. É dos trabalhadores. O povo deve se sentir parte dessa construção e companheiro da mesma caminhada. Para isso, o trabalho de base se organiza **lá onde o povo vive e trabalha**. Para combater dentro de cada um o vício da dependência, é preciso que cada pessoa, desde o início, contribua com disposição, idéias e sustentação financeira das atividades.
- b) **Na crença do povo:** a razão do trabalho de base é ajudar o povo a entender e se comprometer com a vida feliz e solidária. Mas sabe que esse povo já luta porque precisa sobreviver. O povo está sempre reagindo contra a exploração e a dominação, mesmo quando não fala a linguagem dos militantes ou entra em caminhos eu são armadilhas. A história tem mostrado que, apesar de toda a miséria e de toda a contradição, o povo é a **sementeira permanente de novas formas de luta e de novos militantes**.
- c) **Na clareza** de que a organização popular, sendo uma parte, é **parte** para **incluir** todo o povo. Os dirigentes não são *guias geniais*, mas lideranças indispensáveis que ajudam o povo a entender a realidade e organizar os esforços, no rumo da transformação. No processo, o povo vai assumindo-se como sujeito de sua história. É como diz o poeta “sentindo na vida que pode, o pobre entende o que vale; depois que a canga sacode, não há patrão que o cale”.
- d) **Na coerência entre rumo e caminho:** no trabalho de base não tem essa de *fazer a cabeça*. A pessoa deve abraçar a causa, porque foi convencida de que ela é justa. Então, o jeito de tratar as pessoas, deve estar de acordo com a finalidade que queremos atingir. Fica difícil falar de liberdade se, na prática diária, as pessoas mantêm um comportamento autoritário e antidemocrático. É verdade que, *quem não sabe onde quer chegar, não chega lá nunca*”. Mas, é igualmente verdade, que *o fim é o caminho que a gente faz, para chegar no objetivo*. Quer dizer, o método que se pratica, deve ser coerente com os objetivos que se pregam.
- e) **Na metodologia multiplicadora:** cada militante que se convence, assume o compromisso de mobilizar um time de novos companheiros. Estes, por sua vez, vão repartir os esclarecimentos e as experiências com outros colegas que vivem em muitos espaços de luta, de vida, e de trabalho. Assim se vai tecendo a rede de resistência e de solidariedade, para a conquista de vitórias.
- f) **No planejamento das ações:** ninguém entra de peito aberto numa guerra. É indispensável traçar um caminho, capaz de levar à vitória. O planejamento enfrenta o medo de mexer no *comodismo* das pessoas e na *indisciplina* da prática espontaneísta. Na luta popular, como

no futebol, o objetivo não é *chutar a bola*. É preciso avançar e se defender organizadamente, na hora certa e com a pessoas certa. Por isso, marca-se pontos e prazos de chegada; faz-se uma caprichada preparação dos militantes; escolhe-se responsáveis pelas atividades; realiza-se um balanço dos resultados, em cada etapa da luta.

- g) No amor pelo povo e pela vida:** o trabalho de base é mais que um trabalho profissional, feito por pessoas competentes. Ele tem um *segredo* que anima a *esperança* dos militantes, chegando à doação da própria vida. O valor da **vida**, a dignidade das **pessoas**, a **rebeldia** para a liberdade e a **fraternidade universal**, formam a base dessa *paixão* que invade a alma dos militantes e dá sentido à sua disposição e dedicação. No concreto, essa convicção se traduz no respeito ao povo, no carinho aos iniciantes, no cumprimento dos acertos coletivos, na capacidade de tomar iniciativas, na coragem de encarar os desafios, nos gestos de indignação, entusiasmo e celebração. O amor pelo povo e pela vida se expressa, de maneira plena, nas manifestações individuais e coletivas do **companheirismo**.

5. COMO FAZER O TRABALHO DE BASE

“Fazer, é a única forma de mostrar, que é possível transformar o mundo”. (Eduardo Galeano)

Uma pessoa ou grupo que esteja convencido da força do povo esclarecido e organizado, vai escolher e ajudar um setor desse povo no resgate de seus sonhos. O sentido do trabalho popular é organizar a resistência e alimentar a esperança de seus associados. Por isso reúne, amplia, capacita, organiza, articula as pessoas e ações na formação de um projeto popular.

Para fazer o trabalho de base, não tem receita pronta e infalível. Mas, olhando várias experiências, é possível descobrir pontos em comum. Entre eles estão:

- a) Quem começa?** Qualquer pessoa (trabalhador ou não) pode dar o pontapé inicial. A história mostra que tem gente que desperta primeiro e fica indignada pela exploração vivida pelo povo. Essa revolta inicial, acaba descobrindo que não basta se queixar das injustiças e que sozinho, ninguém vai conseguir acabar com a opressão. Como enfrentar essa máquina de morte? Que fazer para que a resistência não morra no nascedouro? Uma iniciativa é procurar **gente de confiança** que pense no mesmo sentido. Assim começa um projeto popular.

- b) Onde começar?** A luta dos oprimidos acontece **lá onde estão os trabalhadores**. Pode ser na fábrica, no bairro, na escola, numa categoria profissional, no espaço de um município, num movimento, ou numa igreja. Também pode ser com uma raça, com um grupo de mulheres, com adolescentes, ou com a terceira idade. Qualquer lugar, na cidade ou no campo, e até dentro de uma prisão já foi lugar onde os militantes iniciaram um posto da luta. O ruim é saber das coisas e não fazer nada. O melhor é sempre escolher **um grupo ou lugar** que tenha as **condições de espalhar** e influenciar outros grupos e lugares.
- c) O núcleo de militantes.** Enfrentar uma fera sozinho, nem sempre é sinal de coragem. Pode ser apenas inexperiência. Para ser vitoriosa, a luta popular tem que dar passos, conforme suas forças. Por isso, uma primeira tarefa do militante, é formar um **time** de companheiros que já tenha o mínimo de **compreensão** e **disposição** para entrar num processo. É sempre bom ter **gente nova**, sabendo que “a **idade** de uma pessoa se conta pelo número de amigos que ela consegue reunir”. Pessoas novas estão mais abertas e livres para encarar uma caminhada. A escolha tem que ser cautelosa e baseada na confiança. Algumas **qualidades** são fundamentais: pessoas que não aceitam ser manobradas, que já mostraram que vão além do seu interesse individual, que sejam discretas (não falam determinados assuntos para quem não está interessado ou é contra), que saibam relacionar-se com o povo. Esse primeiro time vai ter que reunir-se diversas vezes, para reforçar a amizade, trocar idéias, e para acertar os objetivos e o plano de atuação.
- d) Como conhecer a realidade?** Definido onde vai ser o trabalho é hora de conhecer, por dentro, o lugar e o grupo. As informações nascem da convivência, observação, conversas, visitas, pesquisas ou consulta a especialistas no assunto. Conhecer e ser conhecido exige o aprendizado da *língua do grupo* para favorecer a **integração** e a **troca**. Três tipos de informações não podem faltar:
- d.1) as que tratam da quantidade:** qual o número de pessoas, volume da produção, renda, problemas enfrentados; assim como saber quais são os grupos que oprimem a população e os que estão a seu favor;
- d.2) as que revelam os desejos, os sonhos e os projetos** das pessoas. Em geral, são os sentimentos que, em primeiro lugar, movem as pessoas. Quando elas se sentem aceitas e reconhecidas, também passam a participar;
- d.3) as histórias de resistência:** todo ser humano protesta, só varia a forma – pode ser individual ou grupal, escondida ou aberta, espontânea ou organizada, pacífica ou violenta. Os militantes devem estar convencidos que *não inventam a luta*. Sua tarefa é **descobrir**

pessoa e sinais da luta do povo e ajudar essa luta se ampliar, se organizar e obter vitórias econômicas, políticas, sociais e culturais.

As informações corretas sobre a realidade, se tornam matéria-prima no estudo dos militantes, apontando **dicas** para as ações e formas de organização. As anotações são importantes na descoberta de problemas e interesses comuns. É essencial envolver as pessoas pesquisadas na coleta e na apropriação dos resultados. Afinal, elas devem ser as primeiras interessadas em tomar consciência do que está acontecendo. Este estudo pode ser a primeira ação do trabalho de base.

e) Fazer ações concretas. Os dados da realidade podem sugerir várias propostas de ação. Os militantes têm que **sacar** o que o povo está afim de fazer para realizar seu desejo. Às vezes, as ações escolhidas, parecem que nada têm a ver com os grandes problemas descobertos. A ação a ser encaminhada é aquela na qual o grupo vai participar, e não ficar na platéia assistindo. Tem que ser uma ação dentro da compreensão do **momento** e do **ritmo** que esse povo possa suportar. Pode ser um jogo, uma festa, uma celebração. Mas, pode ser também um protesto, um mutirão, uma disputa política. Os militantes têm obrigação de sugerir propostas, mas não podem impor, porque as ações não assumidas pelo grupo, geram acomodação, dependência ou frustração.

“Devagar que eu tenho pressa”, diriam os antigos. É decisivo que as primeiras ações dêem certo. São as **vitórias** que **animam a vontade de continuar**. São elas que preparam o povo para ações maiores. As derrotas aumentam o sentimento de fraqueza e de impotência.

Uma ação puxa outra, quando é bem preparada. Depois de executada, é fundamental fazer um balanço para avaliar os avanços,, os pontos fracos e a continuidade. **Fazer ações e refletir sobre elas** tem sido a grande escola onde o militante e o povo se capacitam e se formam.

f) Descobrir e projetar lideranças. As lideranças aparecem nas ações, porque dão sugestões, tomam a frente, sacam mais rápido, são mais corajosas, estão um pouco mais informadas. A liderança **expressa** publicamente, o que **muitos gostariam** de ser ou de dizer, **mas têm dificuldade**.

As **lideranças** são indispensáveis no trabalho popular. Porém, só merecem este nome quando reúnem, em torno de si, muitas pessoas; e quando criam as condições para o aparecimento de outras lideranças. As verdadeiras lideranças, não são necessariamente eleitas; são **reconhecidas** por causa de sua atuação e de sua dedicação.

Acostumados com lideranças tradicionais, o povo, às vezes, acha que deve escolher pessoas que sabem prometer, que falam bonito, que são mais estudadas ou, então, gente

muito quietinha. A experiência mostra que tais pessoas têm decepção: falam, mas não fazem; dão sugestões, mas não botam a mão na massa; se comprometem com tudo, mas nunca encontram tempo para nada.

É tarefa dos **militantes** ajudarem na preparação das legítimas lideranças populares. As *lideranças que interessam ao trabalho de base são aquelas que unem seus interesses individuais com os interesses do grupo*. Elas não usam essa posição como privilégio pessoal, mas como uma tarefa da luta. Na caminhada, as lideranças aprendem a **com-mandar**. Descobrem que exercer o poder é repartir o poder. Vão saber distribuir as responsabilidades conforme a **necessidade** da luta, o **jeito** e o **gosto** de cada um, equilibrando a dose de paciência com a dose de firmeza. Sua preocupação permanente é a de animar os que estão dormentes e desanimados, promover o entrosamento do grupo e ajudar na capacitação de novas lideranças.

g) Formar dirigentes: em todo o grupo, mesmo quando os participantes são conscientes de suas responsabilidades, há pessoas que se destacam e se tornam **referências**. A referência, mais que privilégio, é uma tarefa de coordenação das ações para o bom funcionamento do trabalho, pois, como diz o povo, *panela que muitos mexem, sai insossa ou salgada*. Dentro do mesmo grupo, outras pessoas vão ter outras funções, conforme o momento e a sua competência.

É verdade que já houve gente que se aproveitou do **cargo** de dirigente para seu interesse individual. Quem faz isso se esquece que o **poder nasce do povo** e por esse povo deve ser exercido. Na luta popular, o poder não pode ser exercido de forma autoritária e personalista (como fazem os “coronéis” da elite). Muito menos para dominar a maioria desinformada.

Não se deve confundir **direção** e **diretoria**. Diretoria é um mandato que se ganha no **voto**, mesmo que os candidatos não tenham preparo nem compromisso com o povo. Ser **dirigente** nasce do **reconhecimento público**.

O reconhecimento não é um dom destinado a alguns privilegiados. Ele tem origem na união de, pelo menos, **quatro exigências**:

- 1) **ligação profunda e permanente com o povo**, sua vida, seus anseios e suas lutas;
- 2) **compromisso com a transformação** das pessoas e da sociedade;
- 3) **capacidade de fazer propostas justas**, principalmente nos momentos difíceis;
- 4) **convicção e jeito para organizar o povo**, compartilhar as responsabilidades e **com-mandar**.

h) Autonomia: no trabalho de base, os trabalhadores e suas organizações não podem ficar dependentes de uma *assessoria* ou de um *chefe*. Quando não existe independência

econômica e política, os trabalhadores se tornam massa de manobra. Sem formação, sem recursos financeiros, sem conhecimento das técnicas – *como fazer uma reunião, falar em público, operar uma máquina, fazer um plantio, organizar uma mobilização* – os trabalhadores continuarão de rabo preso. Uma **assessoria militante** e competente pode contribuir na capacitação dos trabalhadores para que se tornem sujeitos e protagonistas da luta popular.

Para conseguir independência é preciso ter coragem e condições de **andar com os próprios pés**. Desde o início, os trabalhadores devem ser incentivados a garantir a sustentação de suas atividades e a ser competentes numa tarefa. Faz tempo que sabemos que *a libertação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores ou não haverá libertação*.

i) Como criar um movimento: o trabalho popular que realiza muitas ações, que apresenta idéias novas e reúne muitas pessoas, acaba aparecendo. Torna-se esperança para o excluídos do sistema e preocupação para as elites. Sem pressa e com grande participação devem ser elaboradas as orientações do grupo que, mais na frente, seja base para os estatutos.

Um olho d'água, pode virar riacho e até rio. Conviver com o reconhecimento da sociedade é o novo desafio do trabalho popular. Como continuar se preocupando com o esclarecimento, a organização e a reprodução de sangue novo para a caminhada? Infelizmente, muita gente boa, quando se tornou "importante", se agarrou nos cargos e se esqueceu *que é no povo que está a força*. Para evitar esses desvios, muitos movimentos se previnem renovando, de tempos em tempos, todo o pessoal que recebe cargos. Outra *vacina* contra o perigo de corrupção política é exigir que cada militante ou liderança assuma uma tarefa concreta junto a uma luta direta.

A finalidade de uma organização é atrair outros trabalhadores para a causa da justiça, tornar-se uma ferramenta de luta permanente e ser uma escola de preparação de novos companheiros. Mas, a **organização** nunca pode se tornar o **centro da luta**. O centro da luta é o próprio movimento dos trabalhadores que, no esforço para derrotar a opressão e construir a nova humanidade, confere mais dignidade às pessoas.

j) Formar os trabalhadores: só o entusiasmo e a força não vencem a segurança e a manha dos poderosos. Os oprimidos têm que juntar força, pensamento e esperteza para vencer a dominação. Para que o ativismo não faça do militante um "militonto", ele deve ser capaz de *desmontar* o sistema capitalista e apresentar saídas que apontem para a solução de seus problemas. É fácil derrotar quem não estuda, quem não pára para pensar. É triste saber que muitos "estudados" não entram na luta. Mas é imperdoável que um lutador não pare para estudar, são seja também um intelectual.

Estudar quer dizer entender o que está acontecendo consigo e com os outros e buscar uma solução. Isso exige uma reflexão sobre a própria experiência de luta e um olhar sobre a experiência de outros trabalhadores. Assim é possível apropriar-se dos conhecimentos que estão acumulados nas pessoas e nos livros.

Formar-se não significa fazer cursos, nem encher a cabeça de informações. É estar mais capacitado para descobrir respostas para os problemas que afligem o povo.

Formar não quer dizer *despejar conteúdo* sobre a cabeça de pessoas que ficam recebendo passivamente. O processo de formação acontece quando ele se torna *uma troca entre sujeitos que ensinam e aprendem* os ensinamentos da vida.

A formação deve ser planejada conforme o nível de compreensão e de compromisso de cada companheiro. É importante organizar atividades de formação para iniciantes, ativistas, lideranças e dirigentes. É fundamental que o próprio movimento destaque pessoas que se dediquem à tarefa de organizar e de executar um plano de formação.

São muitas as atividades de formação: a preparação, a execução e o balanço de uma ação, por exemplo. Mas também os seminários, os cursos, os debates, as viagens, as leituras, as reuniões, os treinamentos, o esforço para contar a própria história e a formulação de propostas. **A formação política** tem que vir junto com a **capacitação técnica**: como fazer uma reunião, escrever um relatório, falar em público, administrar uma cooperativa, operar uma máquina, fazer um jornal, etc.

k) Evitar o isolamento, trabalhar em parceria: em toda a parte, tem gente (organizada ou não) lutando contra a injustiça. O trabalho político se fortalece quando conhece e se liga com pessoas e grupos que estão no mesmo rumo. Essa articulação facilita a troca de experiências e a realização de ações conjuntas. Quando um movimento se acha **dono da verdade**, se torna arrogante. Vira uma seita fácil de ser destruída.

A busca de parceiros não pode ser a prática de *usar* as pessoas e os grupos, especialmente na hora do aperto, interessados apenas no que eles podem oferecer em termos materiais. A parceria é a descoberta de que ninguém pode fazer tudo, que ninguém sabe ou é especialista em tudo. A parceria é a crença no valor da troca das competências, no poder de fogo da ação conjunta e na soma dos recursos disponíveis.

Os “donos do mundo” nos dividem para continuar reinando. É verdade que não temos a mesma cor, o mesmo lugar de nascimento, a mesma religião, o mesmo sexo, o mesmo time de futebol, nem o mesmo gosto de comida. É uma riqueza os desafios que as diferenças nos colocam. Porém, nunca se pode esquecer os interesses e as dificuldades que são comuns. Neste momento, é urgente ver aquilo que nos une, mesmo sabendo que temos muitas diferenças.

Ser **parceiro** não significa abrir mão da própria convicção. Muito menos aceitar ser um *braço tarefeiro* de um projeto que não ajudamos a pensar, só por interesse de alguns trocados. A parceria é uma **união de esforços** para atingir **objetivos** que estão na *mesma direção*. Os dois lados se **com-vencem** e decidem fazer uma caminhada conjunta. Como toda **aliança**, também a parceria deve ser feita com autonomia das partes. Cada parceiro deve conservar suas diferenças e suas motivações. É bom lembrar que parceria é diferente de **interação, ligação pontual ou convênio**.

l) Houve uma tendência de ocupar o espaço público: no trabalho popular, negava-se qualquer ligação com o poder público – nem participação, nem colaboração, nem mesmo uma relação em questões concretas. O movimento caminhava em paralelo, como a linha do trem. E tinha razão, porque o Estado era dirigido por uma ditadura.

Hoje, o Estado continua dominado por uma elite, está *privatizado* pela classe dominante. Porém, a luta popular entendeu que o espaço público é também um espaço de disputa contra a opressão, quando se tem clareza do projeto popular e se garante a independência dos trabalhadores. Tal participação não pode justificar a lógica das campanhas eleitoreiras, nem a perda de autonomia dos movimentos.

É uma obrigação das organizações populares disputar postos na organização do Estado, para abrir maiores espaços de participação popular. Disputar postos no poder do Estado tem o sentido de garantir os direitos que são devidos a todos os cidadãos.

A participação de movimentos e de candidatos populares, no espaço público do Estado, pode facilitar o acesso ao conhecimento da máquina e possibilitar formas de pressão para a formulação das políticas sociais e para a correta destinação dos fundos públicos para o conjunto da população. Ensina também os mecanismos do **poder** e deixa claro que o Estado, do jeito que está organizado, não serve aos interesses populares. *Enquanto os oprimidos não derrotarem a opressão, não poderá haver um **governo realmente popular**.*

m) Fazer a propaganda: quem acredita no que faz, se alegra que sua idéia se espalhe. Fazer propaganda, é anunciar e repartir com outros, as lições que aprendemos pelo caminho. É falar dos nossos sonhos e convidar muitos para a mesma **esperança**. Temos obrigação de repassar para as gerações futuras, como um *tesouro*, as realizações populares. Isso nada tem a ver com a invenção de histórias para impressionar ou iludir alguém.

No início, a propaganda do trabalho, se faz de pessoa para pessoa. Quando cria raízes e já pode encarar o sol, ele é anunciado de forma mais aberta: faixas, cartazes, boletins, filmes, cadernos, etc. Muitos militantes foram atraídos para a luta popular, atingidos pela propaganda.

6. QUALIFICAR O TRABALHO DE BASE

“Se muito vale o já feito, muito mais temos a fazer.”

Quem já faz trabalho de base, não precisa começar tudo do zero. Talvez apenas *amolar a ferramenta* para que continue servindo as suas finalidades.

O mundo mudou. A elite agora usa a tática da sedução e o discurso da competência para quebrar a união dos trabalhadores. Esvaziam o sentido de *parceria, colaboração, repartição de lucros e até da solidariedade*. Para a maioria, sobra o desemprego, a luta pela sobrevivência, a exclusão social. Sem largar o rumo, o campo popular precisa descobrir novas formas de fazer crescer sua luta e organização.

Ao longo da história, nenhum sistema por mais poderoso e cruel que fosse, jamais conseguiu durar para sempre.

6.1. Um tempo de avaliação

O primeiro passo da cura é reconhecer que existem problemas. A **crise** não é, necessariamente, uma situação negativa. Pode ser a oportunidade de testar as convicções e redirecionar o modo de atuar.

Não é verdade que muitas lideranças e organizações estão dessintonizadas com suas bases (dirigentes em FM e o povo em AM) ?!

O remédio para os novos desafios não vai surgir de nenhuma cabeça iluminada, mas de um balanço do movimento, da leitura rigorosa da conjuntura e da grandeza de nossa generosidade.

6.2. Que partes devem ser avaliadas?

As seguintes perguntas podem ajudar no exame de vários aspectos do trabalho:

- a) **Onde estão os resultados?** A primeira pergunta que alguém faz quando entra numa luta é: o que é que eu ganho com isso? Sem ver sinais ou possibilidades concretas, é difícil mobilizar. O pessoal quer comida, terra, lazer, renda, reconhecimento. As vantagens que queremos no futuro – seja econômicas, políticas, sociais, culturais, espirituais – já devem começar agora.
- b) **Onde está a participação?** É mais fácil ter platéia e eleitores, que trabalhadores conscientes e sujeitos. É bom sempre examinar se as lideranças estão facilitando o protagonismo dos trabalhadores e o surgimento de outras lideranças. Ou será que se

adonaram do povo por uma prática paternalista e assistencialista que transforma companheiros em *campanheiros*?!

- c) **Onde está a juventude?** Tudo o que é novo tem algo de “aborrecente”. Quem quer inovar, quem não aceita ser manobrado por um dono (mesmo que esteja “vestido de povo”), sempre incomoda. O novo e o velho podem dizer respeito à idade ou à mentalidade. Quando uma organização não se renova nem se amplia, é porque começa a **caducar**. Existem organizações que, em vez de luta pela vida de muitos, se tornou meio de vida para alguns.

Os **novos atores** têm uma linguagem e um rosto que os movimentos tradicionais nem sempre reconhecem. Usam palavras da “onda”, tratam de dimensões como sexualidade, raça, subjetividade, ecologia, cultura, religião e trazem grande entusiasmo. São temas antigos, transformados em formas de luta e mobilização. Será sempre necessário distinguir a verdadeira rebeldia, de um lado, e aquilo que é *modismo*, de outro.

- d) **Onde está a competência? Agir** sobre a realidade é a única forma de provar que se pode **mudar a realidade**. Quer dizer, junto com o sonho e a garra, é preciso **saber fazer**. É uma deficiência ser técnico e não ser político, mas é uma desmoralização ser um militante político e não botar a mão na massa. A competência que se precisa no trabalho de base, é a capacidade de desmontar a exploração, onde quer que ela apareça. Mas, também, a capacidade de apresentar propostas, com fundamento, que possam ajudar na construção da nova sociedade.

- e) **Onde está o rumo?** Não queremos *remendar o velho*. Lutamos pela **transformação total do mundo e das pessoas**. Por isso, não vamos “vender a alma” em troca de concessões. Queremos homens e mulheres orgulhosos de sua dignidade e comprometimento com a nova convivência entre todas as pessoas. Essa orientação guia nossos esforços.

- f) **Onde está a disciplina?** A postura *liberal* de muitas lideranças, tem irritado e cansado muitos militantes. Disciplina exige pontualidade. É chato chegar na hora e ficar esperando por alguém que, sem motivo, vai chegar atrasado. Mas, disciplina, é muito mais que obediência a uma ordem ou horário: **é o cumprimento dos acertos coletivos**. É uma convicção que nasce no interior da pessoa, como um profundo respeito por si mesma e pelos companheiros. É um zelo que se treina, todo o dia, pensando na própria sobrevivência e no avanço e segurança do movimento. Disciplina, então, é realizar com perfeição as tarefas assumidas, ser fiel ao plano traçado, co-

responsabilidade política e financeira, respeito a cada companheiro e cada companheira, sobretudo aos iniciantes. Disciplina é chegar nas reuniões com propostas fundamentadas, é cobrar o combinado e aceitar, com humildade, a cobrança merecida.

7. A “ALMA” DO TRABALHO DE BASE

“Temos nossas mentes e nossas mãos, cheias da semente da aurora e estamos dispostos a semeá-la e a defendê-la para que dê frutos”. (Che Guevara)

O trabalho de base não é uma “tática” para atrair o povo; nem um conjunto de técnicas que se forem bem aplicadas, podem dar bons resultados. Embora o trabalho de base seja também uma metodologia, ele vai bem além de qualquer “modelo”.

O trabalho de base é uma **paixão** assumida por gente que se entrega por seu tesouro. É paixão indignada contra qualquer injustiça e que se multiplica em ternura pelos companheiros. Esse *modo apaixonado de crer no povo e de multiplicar*, está na alma de quem se entrega para que a maioria se torne gente. O envolvimento na construção deste modo de viver sem a marca da dominação dá entusiasmo a essa *convicção contagiante*. Esse *jeito de fazer política* dá certo porque tem seu alicerce nessas **convicções**. Isso torna a política uma atividade sensível, comprometida e criativa. Este é o **segredo**, que plantado na alma, motiva o militante para entregar-se à realização do projeto popular.

A fé na vida, o amor pelo povo, o sonho da liberdade e a fraternidade universal, formam a força interior que impulsiona o militante, principalmente nos momentos da dor, da dúvida e das derrotas. Está presente diariamente na alegria de viver, na disposição para a luta, na esperança sem ilusões, no canto, nos símbolos, na beleza do ambiente, nas celebrações e, sobretudo, no **companheirismo**. Essas posturas e atitudes, individuais e coletivas, revelam desde já, o sabor da convivência solidária que sonhamos para todos.

* Este texto está publicado na Cartilha nº 4 da Consulta Popular: “Trabalho de base”. 6ª ed., São Paulo, out/ 2001, p. 17 a 36.